



De dentro para fora...
Libertando-se da doença

Alimentar ressentimentos, censurar-se, culpar-se com relação ao passado e olhar o futuro com medo, são os padrões de pensamento que mais prejudicam a saúde. Eles mantêm a doença e o mal estar dentro do corpo, podendo até mesmo destruí-lo.

O medo é capaz de contribuir para a calvície, para as úlceras, problemas intestinais e pés doloridos. A auto-censura pode resultar numa artrite. O ressentimento arraigado corrói o corpo e transforma-se em câncer. A culpa sempre procura um castigo e cria a dor.

É fundamental nos libertarmos de idéias e crenças tolas, antiquadas ou negativas que não fazem nada para nos sustentar, para nos acolher. Se escolhermos acreditar que somos vítimas indefesas e que tudo está perdido, o universo nos apoiará nessa crença e estaremos derrotados.

O que achamos de nós mesmos, da vida e da divindade precisa nos fazer crescer e não nos anular.

Para começar, repita várias vezes: “*Eu escolho me libertar!*”; “*Eu me amo e me aceito!*”

AGENDA 2008

- * 01 de agosto - A Festa da Colheita - *aberta para homens*
- * 16 de agosto - Plenilúnio: Celebração da Deusa das Estrelas
- * 15 de setembro: Plenilúnio: Celebração grega dos Mistérios de Eleusis
- * 22 de setembro: Comemoração do Equinócio: Ritual de Gratidão - *aberto para homens*
- * 14 de outubro- Plenilúnio: Celebração das Deusas Escuras

Edição e Diagramação: Nane Silva
Revisão: Lacy Silva

Colaborações: *A Mãe das Estrelas:* Mirella Faur; *Posta-restante:* Maria Amaziles; *De fora para dentro:* Nane Silva; *Arte na Vida:* Edna Leonel; *Mãe Terra:* Helena Maltez

Informações: Luzia – 3326-1013; Nane – 96779453

Web: www.teiadethea.org ou teiadethea@teiadethea.org

Bibliografia: *O Anuário da Grande Mãe* de Mirella Faur; *Pintando sua alma* de Susan Bello ; *A Necessidade da Arte* de Ernst Fisher; *Cultivando a saúde do corpo e da mente* de Louise Hay; Imagens da Internet



Posta-restante

Maria,

Escrevo a você a partir do canto mais inusitado de você mesma. Instalada nos subterrâneos de seu ser e distante de qualquer movimento externo que possa colorir minhas palavras, manifesto-me, porque tantas vezes sinto o seu coração garimpar verdades, mesmo que doa. Tal qual um presente envolto em meus cabelos, trago o que você não vê, quando seleciona o olhar e observa exclusivamente seus aspectos que trazem conforto, segurança e, conseqüentemente, estagnação. Ofereço a você a inquietude de um dragão desperto e sei que, após deparar-se alguns instantes com a minha clareza, mais um véu se diluirá diante de seus olhos. Ouse mergulhar, pois (conhecedora da dor que se prenuncia) também trago o conforto de que você necessitar, dosado sabiamente, a fim de não comprometer sua coragem nesta jornada.

Atendendo ao meu chamado, posso perceber seu olhar voltado para os áridos aspectos pessoais que você não ousava admitir. E peço, por amor, não os enxote como cães vadios, porta afora! Ao contrário, chame o seu medo para uma xícara de chá, sorvida entre goles de compreensão, olhe nos olhos desta e daquela dificuldade. Aquiete-se e observe como a bruma se desfaz. Veja como é frágil aquela dor de despedida, agarrada com unhas de fel nas pregas de sua saia! Liberte o que não é mais para que flua nas águas, abraça as possibilidades de seu vir-a-ser!

Antes que seu ânimo se esgote, examinemos o que ficou, depois do vendaval. Façamos uma grande e bela tapeçaria com cada um dos seus atributos pessoais, sem negar a nenhum seu reconhecimento, uma vez que todos são potenciais aliados no seu caminho em direção a si mesma. Esta será você renovada, fortalecida. Eu, a Senhora da Casa, Mãe da Harmonia e Justiça, estarei sempre aqui, fortalecendo sua intenção, consolando mais uma dor. Pois é para nutrir com a Verdade que Eu estou aqui.

Com perfeito amor,
Aquele que é.



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Julho de 2008, nº 105



O mês de Agosto começa com a celebração do antigo festival da colheita conhecido como Lughnassadh ou Lammas.

L a m m a s significa “A Missa do Pão”, uma reverência ao ciclo dos grãos, que m o r r e m p a r a alimentar e preservar a vida. Também nessa época são feitos bonecos de palha (de milho ou trigo) representando os Deuses, chamados de Senhor e Senhora

do Milho. Esses bonecos são tidos como amuletos de proteção durante todo o ano, até o próximo Lammas, onde são queimados na fogueira.

A Festa da Colheita é um convite para uma avaliação realista de nossos sucessos e fracassos e do que devemos abrir mão, limpando o espaço para que novas possibilidades possam germinar e dar frutos em nossas vidas!

A Festa da Colheita
1º de agosto, Sexta-feira
20h, na Unipaz
Aberta para homens



Mãe Terra

Não é lenda, apenas verdade

Não se sabe ao certo, mas estima-se que eram entre 1 e 10 milhões de pessoas vivendo espalhados pelo espaço territorial hoje chamado de Brasil há meio milênio atrás. Faziam parte de mais de centenas de diferentes etnias, que falavam cerca de 1.300 línguas! As fronteiras que passaram a existir entre os países da América Latina separaram tribos, parentes e amigos; assim como aconteceu na África, nossa irmã.

Estão se reconstruindo após massacre. São inúmeras iniciativas. Estão se organizando, fortalecendo sua cultura e defendendo seus territórios. Para nossa sorte, porque temos muito a aprender com essas culturas tão intimamente conectadas com a Mãe Terra. Ouvir suas vozes é adentrar um mundo de magia e espiritualidade... não como um ritual a ser feito em momentos especiais... mas como uma prática do dia-a-dia, da própria existência como membros dessa grande família planetária...

Ouçam a estória de Nhenety Kariri-Xocó: “Não é Lenda, apenas Verdade”, que encontrei no site www.indiosonline.org.br:

“Como Contador de Histórias da tribo, é muito freqüente ser entrevistado por acadêmicos que visitam os Kariri-Xocó. Certa vez estava em minha casa e chegou uma estudante de história da UFAL- Universidade Federal de Alagoas. Ela disse para mim que veio fazer um trabalho na tribo sobre “mitos e lendas” dos Kariri-Xocós. Respondi para a universitária que aqui na tribo não existia mitos e lendas. Ela levou um tremendo susto. Expliquei que entre os índios “mitos e lendas são verdades absolutas”, não são fantasias, nem mentira como contam os livros. Acreditamos na “Mãe D’água” que é guardiã dos rios, dos peixes. Recebemos notícias da natureza através dos cantos dos pássaros, insetos e dos fenômenos atmosféricos, coisas boas ou ruins podem acontecer. As formigas quando saem do formigueiro é sinal que vai chover. Quando o João-de-barro faz sua casinha de argila com a porta virada para o Norte é porque vamos ter um inverno chuvoso. o índio acredita em sua cultura, porque é uma verdade pura. A parti do momento que não acreditar em sua cultura, religião indígena estará tudo perdido. Quando acreditamos em nossa espiritualidade, nos aproximamos do Ser Superior e nossa Mãe Terra.”



Mirella Faur

A Mãe das Estrelas

... “Ouça as palavras da Deusa estelar, cujo corpo engloba o universo e a poeira dos seus pés forma as hostes celestes”..

O Mandamento da Deusa, de Doreen Valiente.

A humanidade sempre sentiu fascínio pelas estrelas e ao longo dos tempos as constelações ofereceram imagens e sabedoria para a criação de mitos e lendas. Os nomes atuais das estrelas são na sua maioria de origem grega e romana, porém muito antes destas civilizações os povos nativos exploravam a vastidão do céu e criavam seus próprios mitos e arquétipos divinos.



origem aos 7 aspectos de Hathor e à serpente com 7 cabeças. A deusa árabe Al-Uzza também é associada com Sirius; os mitos semitas relatam a descida das deusas Ishtar e Astarte do planeta Vênus. Os títulos Rainha Celeste e Estrela Guia foram atribuídos a estas deusas, bem como à Inanna e

Maria. Inanna era descrita vestida com uma túnica de estrelas e um cinto formado pelo zodíaco. Existem inúmeros mitos sobre as Plêiades, chamadas também de Sete Irmãs, “A galinha e seus pintinhos” ou “As choronas”, sua aparição sendo prenúncio da estação de chuvas, um marco importante para navegação e início do Ano Novo em vários lugares. Elas formam um pequeno grupo na constelação de Touro, seis sendo visíveis a olho nu. Em contraste com seus efeitos míticos benéficos, na astrologia lhes é atribuída uma influência nefasta, presságio de cegueira para aqueles que nasceram debaixo da sua influência (grau 29 de Touro). Mitos celtas e maias atribuem a construção dos sítios megalíticos, círculos de menires e pirâmides a um enigmático Povo das Estrelas e aos viajantes vindo das Plêiades.

Os nativos norte-americanos consideravam a “estrela matutina e vespertina” (nomes de Vênus nas suas diferentes aparições em função da época do ano) como representações do princípio masculino e feminino. Um motivo comum nas suas lendas era a metamorfose de uma Mulher Estrela em uma linda mortal e seu desaparecimento depois de casar com um humano. Outros mitos chamam as estrelas de Filhos do Sol e da Lua, que, por temerem o Sol que engolia seus filhos, desapareciam de dia e voltam para dançar junto da sua mãe, a Lua, na chegada da noite. Os povos siberianos acreditavam que as estrelas são janelas de cristal pelas quais os deuses olham para a terra, o céu sendo uma grande tenda. A Via Láctea - que marca o centro da nossa galáxia - é descrita por alguns mitos como uma estrada, rio ou ponte entre os mundos. Os índios navajos dizem que ela foi formada pelo coite que espalhou pedras brilhantes no céu, formando a ponte que liga o céu à terra. Já os maias achavam que ela era a estrada pela qual as almas iam para o mundo subterrâneo. No antigo Egito a luminosa estrela Sirius era alvo de veneração, seu aparecimento no céu coincidindo com a cheia do rio Nilo que trazia fertilidade e prosperidade. Os templos de Ísis, Hathor e Nut eram orientados para Sirius, que era o local de repouso das almas dos faraós e sacerdotes. Ísis era tradução grega do nome Au Set ou Sothis, equivalente de Sirius. A constelação Canis Maior a qual pertence Sirius é formada por 7 estrelas que deram

A Mãe das Estrelas é uma divindade cuja antiguidade e complexidade foge à nossa compreensão racional. Ela abarca toda a vastidão e diversidade do universo, regendo o tempo e a ausência dele. Ao mesmo tempo é gentil e terrível, simbolizando criação e destruição, o milagre do nascimento de uma estrela e a explosão violenta de uma supernova. Tanto é a luz difusa e longínqua das nebulosas, quanto o calor do Sol, o brilho da Estrela Polar ou o mistério dos buracos negros. Para conseguir alcançar o seu misterioso e profundo poder, precisamos nos distanciar dos arquétipos e diversos nomes a Ela atribuídos ao longo dos tempos. Podemos apenas imaginá-la como uma figura nebulosa formada pelas galáxias, cujos cabelos

ondulam no movimento dos cometas e os seus passos são marcados pela poeira estelar. Seus olhos brilham como estrelas super novas, seu sorriso esquenta como os raios do Sol e Ela protege os viajantes da Terra, do mar e do espaço com suas asas radiantes. Seu elemento é a escuridão que abrange e conforta, mas também é a luz que brilha e guia. Seu halo cintila com cores estelares, do ultravioleta ao infravermelho, passando pelo azul, amarelo, vermelho ou simplesmente branco. Pode ser vista como uma Deusa Tríplice personificando a passagem do tempo ou apenas Mãe, pois Ela é a Fonte de tudo, o começo e o fim. Para ouvir Sua voz no nosso coração e sentir o Seu abrangente abraço,

precisamos apenas olhar para o céu estrelado e refletir sobre o movimento eterno e infinito dos planetas, estrelas, constelações e galáxias, círculos dentro de círculos, mundos dentro de mundos. Sentir a nossa pequenez de simples átomos do Seu corpo, mas também a nossa grandeza espiritual por sermos Suas filhas. Iremos encontrá-la se mergulharmos dentro de nós, na nossa alma, percebendo-a como nosso Sol e doadora de vida, a nossa estrela Guia. E, se quisermos refletir suas bênçãos, devemos irradiar nossa própria luz, como pequenas centelhas da sua gloriosa e radiante chama. Pois ela é a Mãe de todos nós, o Alfa e Ômega do Todo, a Senhora Estelar primordial. *

Ritual de Plenilúnio
Celebração da Deusa das Estrelas
16 de agosto, Sábado
20h, na Unipaz
Somente para mulheres



Arte na Vida
O Significado da Arte

Alguns autores concebem a arte como “substituto da vida”, como a forma de colocar o homem em estado de equilíbrio com o meio que o cerca.

Susan Bello, autora do livro “Pintando sua alma”, considera a arte como uma força de cura. Para ela, historicamente a arte tem sido um canal para expressar a emoção e a alma, embora pelos últimos quatro séculos e meio, o aspecto espiritual da Arte como expressão da alma foi virtualmente perdido. Uma orientação comercial predomina, refletindo o materialismo que vem tomando conta da moderna sociedade tecnológica.

Susan afirma: a arte pode ser uma aliada para a construção de um novo

paradigma. O artista pode contribuir com o processo de criação ou manifestação de novas possibilidades, sintonizando-se com as necessidades coletivas da nossa civilização. O indivíduo artista está frequentemente na vanguarda, sensível para perceber, com antecedência, processos que estão tentando acontecer no inconsciente coletivo da sociedade. É essa consagração de nossos seres individuais a um compromisso mais sublime, alinhado com um futuro positivo e com o bem-estar do planeta, o desafio crucial para a criatividade humana. E ela convoca: precisamos abrir uma fenda no mundo para a arte transpessoal desabrochar.

